



PENSANDO O PROJETO A PARTIR DAS SENSAÇÕES

DESIGN CONSIDERING THE SENSATIONS

BULA, Natalia Nakadomari (1);

ALMEIDA, Maristela Moraes de (2)

(1) Mestranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: arq@nataliabula.com

(2) Doutora em Engenharia de Produção, Docente do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: mar@linhalivre.net

RESUMO

Uma vez que o arquiteto interioriza e compreende as atividades a serem realizadas em um espaço, ele pode imaginar, e assim projetar o ambiente a partir das sensações que ele intenciona causar na experiência do usuário neste ambiente. Este texto compreende um resumo de uma pesquisa em andamento que se refere à abordagem fenomenológica no processo de projeto de arquitetura e urbanismo. É apresentada uma ideia geral sobre o tema, ilustrada com exemplos práticos de aplicação da mesma por alguns arquitetos.

Palavras-chave: arquitetura multissensorial; espaço vivenciado; processo de projeto

ABSTRACT

Since the architect internalize and understand the activities to be performed in a space, he can imagine, and so design the environment from the sensations he intends to provoke on the experience of the user in this environment. This text is going to give an overview of a research in progress that regards the phenomenological approach in the design process of architecture and urbanism. It's going to show a general idea about the topic, illustrated by practical examples of its application by some architects.

Keywords: multi-sensory architecture; lived space; design process

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura como arte de construir tem como objetivo principal abrigar as atividades humanas. Entretanto, tais atividades não devem ser pensadas apenas em sua dimensão funcional, mas também, nas dimensões pragmática e simbólica (MALARD, 2006), considerando o ser humano em sua totalidade complexa.



Estudos na área revelam um crescimento contínuo de pesquisas partindo dos fatores humanos, em sua maioria, com ênfase nos aspectos visuais, restando apenas alguns trabalhos que se referem à multissensorialidade e multidimensionalidade do ambiente construído, aplicadas à prática do processo de projeto.

Com base nesta questão, vê-se uma alternativa na metodologia fenomenológica – que é uma filosofia existencial que estuda a relação do ser com o mundo (HEIDEGGER, 1997) – como base teórica para a reflexão no processo de projeto de arquitetura e urbanismo.

2. ATIVIDADES HUMANAS E AS SENSAÇÕES

A complexidade humana e sua e sua permanente evolução exige cada dia mais, uma multidisciplinaridade ao projetar ambientes. A fenomenologia pode servir de base teórica para a prática projetual no que se refere às interações entre o homem e o ambiente, o ser-no-mundo a que se refere Heidegger (1997).

De acordo com esta teoria, não se pode analisar as partes separadamente, como ocorre na maior parte das pesquisas, dando maior ênfase a uma ou a outra. O homem e o espaço (arquitetônico) são interdependentes e inseparáveis (HEIDEGGER, 1997; MALARD, 2006), por isso se deve estudar sua inter-relação, o fenômeno que ocorre no encontro entre as partes, conhecidos por eventos, ritos ou atividades humanas.

Para estudar as atividades humanas é necessário que haja reflexão durante o processo de projeto, além de uma sensibilidade por parte do arquiteto para compreender o outro, sua cultura, suas preferências e vontades. É preciso aprender a ver, experimentar através de todos os sentidos (PAPANEK, 1995; BRANDSTON, 2010; PALLASMAA, 2011).

De acordo com Kahn (2002), a arquitetura como arte, deve suscitar emoções, e isto deve ser feito através da expressão pessoal do arquiteto. Um espaço intencionalmente projetado com base em sensações pode criar atmosferas (ZUMTHOR, 2006), que são as percepções emocionais que o ambiente pode causar em uma pessoa.

O arquiteto pode projetar a partir das sensações que um ambiente pode causar nas pessoas, embutindo informações neste ambiente. Estas informações surgem a partir da manipulação de cores, texturas, luz, forma, temperatura, cheiros, entre outros atributos que possam ser sentidos, e interpretados de maneiras distintas, dependendo, da cultura, estado de espírito, experiências prévias, entre outras condições de quem vivencia o espaço (RASMUSSEN, 1998).

Em sua maioria, as informações do ambiente construído se limitam às visuais, isso se dá principalmente pelo conflito que há entre a forma que percebemos o mundo – espaço-vivenciado – e a forma que projetamos – espaço-geométrico (DOVEY, 2003; BOLLNOW, 2008).

Alguns arquitetos têm partido desta base teórica e obtido sucesso na aplicação prática em seus projetos. Por exemplo, o arquiteto Louis Kahn no Parlamento Nacional em Daca, Bangladesh (1962-1974), onde projetou uma mesquita de três mil metros, bem maior do que o exigido no programa de necessidades, e por onde se dá o acesso ao edifício, simbolizando a democracia do país.



Daniel Libeskind, no Museu Judaico em Berlim (1988-1999), buscou causar a sensação de opressão, para que os visitantes se aproximassem do que foi vivenciado pelos judeus durante o nazismo, para isso utiliza corredores estreitos e sombrios, e também discos de metal pelo caminho, que remetem ao som das correntes sendo arrastadas.

Já Peter Zumthor, nas Termas de Vals, na Suíça (1990-1996) procura causar a sensação de relaxamento e privacidade, e para isso utiliza paredes cegas com pequenas aberturas sem contato visual direto interior-exterior, que causam um efeito de penumbra e intimidade, assim como o som de gotas d'água no corredor, dando a impressão de que o ambiente está vazio.

Steven Holl, na Capela de Santo Inácio, em Seattle (1995-1997), aplicou cera de abelha em algumas paredes internas para a sensação de aproximação com a natureza. Com a utilização de aberturas de tamanhos, formatos e orientações distintas e o auxílio de filtros e gelatinas coloridas o arquiteto criou diferentes qualidades de luz para distinguir as atividades de cada espaço de acordo com seu ritual e demonstrar o movimento da passagem do tempo.

Os exemplos citados evidenciam que a abordagem fenomenológica no processo de projeto tem grande potencialidade na contribuição das relações humano-ambientais, tanto em estudos acadêmicos, na prática profissional do arquiteto e no ensino de projeto. Por isso, cabe aos profissionais da área explorar seus desdobramentos.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDSTON, Howard. **Aprender a ver**: a essência do design da iluminação. São Paulo: De Maio Comunicação e Editora, 2010.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

DOVEY, Kimberly. **Putting geometry in its place**: toward a phenomenology of the design process. In: SEAMON, David (Org.). *Dwelling, seeing, and designing: toward a phenomenological ecology*. New York: State University of New York Press, 1993. pp.247-269.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 5. Ed. Petropolis: Vozes, 1997.

KAHN, Louis. **Conversa com estudantes**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

MALARD, Maria Lucia. **As aparências em arquitetura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PAPANEK, Victor. **Arquitetura e design**: ecologia e ética. Lisboa: Edições 70, 1995.

RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura vivenciada**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.